REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 799

10 DE MARÇO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

S. M. O IMPERADOR GUILHERME II DA ALLEMANHA

CHRONICA OCCIDENTAL

Enormes discussões levantaram, ainda estão levando e, peor ainda, estão por levantar, os casos Calmon e Delcassé Guérin, que nos turvaram os ares dentro de casa e lá fora. O Porto continua excitado, cresceu muito a excitação em Lisboa; nas camaras francezas o senador Guérin e o ministro dos estrangeiros Delcassé, repetiram aquellas amabilidades, que a judiaria franceza já, por mais d'uma vez, tem dirigido a Portugal.

Por esses motivos, e talvez por outros, correram boatos de crise, affirmando-se até que seria chamado o sr. Julio de Vilhena para se encarregar de formar ministerio.

O boato durou apenas o que duram as bem conhecidas rosas. Cremos até que não chegou a sahir as portas da cidade.

Entretanto não deixam de apresentar a maior gravidade os assumpos a que nos referimos.

A população do Porto anda excitadissima, muitos conventos continuam a ser apedrejados, a suspensão de garantias tem encontrado uma fortissima reacção.

Em Lisboa, todas as noites, ha correrias da policia contra os estudantes.

São sempre as questões religiosas da mais difficil solução, pelo muito que exacerbam os animos nos dois partidos e pelas violencias a que essa mesma excitação facilmente dá logar.

Com a retirada do sr. Calmon, que pelo governo brazileiro foi transferido para o consulado de Trieste, é natural que os animos comecem socegando, não se dando novo caso que os venha novamente perturbar e que deve, quanto possivel, evitar-se.

De tal forma todo este emmaranhado drama chamou por completo as attenções, que menos discutido do que o merecia foi a interpellação do sr. Guérin, a que o ministro dos Estrangeiros em França respondeu pouco amavelmente para o nosso paiz.

Uma simples nota que vemos publicada e que é boa de saber-se: os emprestimos feitos pelo governo portuguez no estrangeiro desde 1862 ascendem á quantia de 49.719:000 libras. Sabem quanto Portugal recebeu? Muito menos de metade; apenas 20.616:708 libras! O resto ficouna algibeira de muitos agiotas e seus agentes.

O *Standart*, jornal inglez da maior importancia, orgão de Lord Salisbury, critica acerbamente a linguagem usada pelo ministro francez.

Da Allemanha tambem agora recebemos um publico testemunho de consideração. Por motivo da inauguração do retrato do Imperador Guilherme n'uma das salas do quartel de cavallaria 4, de que o monarcha allemão é coronel honorario, na presença de El-rei D. Carlos e ao levantar-lhe um brinde, o sr. ministro da Allemanha disse estar auctorisado a affirmar as relações cordeaes dos dois paizes e em nome do seu Imperador, fazer votos pela prosperidade de Portugal e de sua majestade.

Diz-se que o Duque de York, que breve partirá para a Australia, desembarcará em Lisboa para em nome de seu pae, o rei de Inglaterra, agradecer ao Sr. D. Carlos a sua assistencia ao funeral da Rainha Victoria. É possivel que a esquadra do Canal se junte á do Mediterraneo.

Compensações, que talvez não agradem muito ao sr. Delcassé.

Assim, mais uma vez, o Tejo, que tão formoso se tem mostrado n'estes primeiros dias de primavera, dará abrigo a uma das mais fortes esquadras do mundo.

Lindo tem elle estado agora, scintillante e manso, contrastando com o aspecto carrancudo que mostrou na penultima semana.

Foi no domingo o primeiro dia lindo. Acabou-se o frio. Uma brisa cheia de perfumes varreu os ultimos flocos brancos, que manchavam ainda uns pontos da enorme abobada azul.

Bello sol! Como elle espalhava, contente e á vontade, sua alegria, depois de tantos dias tristes, enregelados, humidos. No céo carrancudo, como se toda a nuvem, que o toldava, fosse um sobr'olho carregado contra a humanidade, corriam as nuvens pardacentas sobre um fundo immovel côr de pez.

Foi n'uma tarde assim que se realisou a procissão dos Passos, com o mesmo apparato dos outros annos, mas entre menor concurso de gente nas ruas. É dos mais bellos e commoventes espectaculos religiosos que se realisam em Lisboa. A tradição e a lenda devota da imagem augmentam a devoção que inspira.

Debaixo da ameaça d'uma valente carga d'agua foi em caminho á Graça. No dia seguinte o tempo continou turvo. No domingo amanheceu com elle a primavera esplendida.

Fazia annos Bulhão Pato. Meia duzia de amigos foram a Caparica levar-lhe os parabens.

Como ia linda a primavera! Os muros velhos estão cheios de chrysalidas, que só esperam meia duzia de dias assim para romper o involucro e deixar sahir as borboletas que doidas hão de voar na poeira luminosa de março, sobre as flores d'oiro do grande escrinio verde, sobre as flores cheirosas nos vallados das azinhagas fundas. A' symphonia das aves amorosas responde um concerto de perfumes, que são tambem declarações d'amor. Cortam o ar, como pequeninos aerolithos preciosos, abelhas doiradas, libellinhas da côr das saphiras e dos topasios.

Que dia Deus lhe deu ao velho e querido poeta para festejar os seus setenta e dois annos! Era o sol, no seu primeiro dia quente, a illuminar-lhe a casa de jantar, onde parentes, amigos, admira-

dores se juntavam, e a rir-se, a espanejar-se sobre a toalha branca, a riscar com um traço de fogo o copo erguido n'um brinde, que todos os corações applaudiam. Era com o sol o calor nas almas, todas movidas por um mesmo impulso de amor, de respeito e de enthusiasmo, conchegando a velhice d'aquelle homem, que toda a vida foi bom, que os longos annos levou cantando o que é santo e bello.

Bulhão Pato, que conserva na alma sincera todo o enthusiasmo da sua lyrica mocidade, entrou na velhice, respeitado por todos, amado por quantos o conhecem. Longa velhice ha de ter, muito longa e muito feliz, que para o conchego do ninho modesto em que vive e se contenta, nada lhe falta; nem uma caricia de entes queridos nos longos cabellos brancos, nem a voz amiga que todas as manhãs o desperta, nem uma lagrima diamantina em olhos queridos que o vejam triste, nem um sorriso que lhe dê luz aos devaneios de poeta.

Breve veremos uma nova obra satyrica do grande artista, e logo a seguir um volume dos seus ultimos versos.

O campo ainda o inspira e bem lhe paga assim o amor, que o poeta lhe consagra, tão sentidamente descripto no delicioso prologo do *Livro do Monte*.

A formosa cabeça de Bulhão Pato, nimbada de fios de prata, que tanto contrastam com a mocidade do seu olhar, ainda sonha bellas visões, n'essa ridente paizagem, seus encantos, que elle tão maravilhosamente nos descreve, principe dos didacticos portuguezes.

O tempo vai lindo. Uma ou outra careta ja se não conta. O inverno acabou. Os poetas velhos, contentes com o raio do sol amigo, cantam saudades ouvindo os pintasilgos cantar amor. Não tarda o rouxinol nos ulmeiros de Caparica. Teremos cantigas ao desafio.

Acabou o inverno. Já nos theatros se vão arranjando as malas para as viagens até á provincia, ás ilhas, ao Brazil. No theatro de S. Carlos preparam-se á pressa as ultimas recitas, com Bellincioni na ponta, como dizem os brazileiros.

No theatro D. Amelia, que este anno teve excellente maré, a primeira do *Petronio* alcançou um exito extraordinario. E' que o romance *Quo vadis* foi excepcional e assombrosamente applaudido e Marcellino de Mesquita empregou na extracção da tragedia todo o seu indiscutivel talento de auctor dramatico, quer na escolha das scenas a aproveitar, quer na maneira porque soube, na parte da acção que não podia ver-se, fazel-o contar pelos pesonagens.

O scenario e a enscenação são riquissimos e de bom gosto.

Nos outros theatros não tem havido novidades de maior, cada qual deixando com razão envelhecer a prata de casa, com o que nenhum se tem dado mal.

Annuncia-se para o proximo mez de abril a primeira recita do *Tição Negro*, com musica de Augusto Machado. A peça é inspirada nas melhores scenas de farças e comedias de Gil Vicente, que ainda hão de inspirar muitos auctores dramaticos portuguezes, se o bom gosto não fôr cousa que de todo se venha a perder. Bem andou Lopes de Mendonça tentando esse genero theatral e digno de applauso é Sousa Bastos, emprezario do theatro da Avenida encarregando-se de lhe dar vida, que longa será em vista dos recursos da excellente companhia de que o theatro dispõe.

Não se fala por emquanto das companhias que durante o verão ficarão funccionando em Lisboa, nem das que nos virão do estrangeiro. E' certo que teremos novamente opera barata no Colyseu dos Recreios. Se a companhia fôr egual á do anno passado, é caso para se lhe prophetisar, sem medo d'erro, um exito ainda superior, visto ir felizmente augmentando o gosto pela musica.

Ainda que a exhibição d'operas não seja o melhor meio educador, do menos ir-se-ha pouco a pouco até ao mais, e muitos esforços ultimamente se teem feito para nos facilitar a audição das grandes obras dos melhores mestres, em concertos de programmas artisticamente organisados.

A menina do *pot--pourri* vai sendo felizmente exemplar cada vez mais raro, para socego dos nossos ouvidos.

Lembra a muita vez contada historia do homem que estando para casar se queixava:

—A minha noiva tem um defeito muito grande: infelizmente não sabe tocar piano.

—Homem!... E acha isso um defeito!

—E' que não sabe, mas toca.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

S. M. O IMPERADOR GUILHERME II

Inauguração do retrato no quartel do regimento de cavallaria 4.

Significativa, em extremo é, para o regimento de cavallaria 4, mas ainda mais para a nação portugueza, a gentilissima offerta do retrato de S. M. imperial, pois representa, não só a sympathia individual de Guilherme II, como tambem a de todo o povo allemão representado no seu soberano.

Solemnisando este facto importante publicamos o retrato de S. M. Guilherme II.

Foi no dia 28 de fevereiro ultimo que tiveram logar as festas annunciadas para 27 de janeiro e que foram adiadas por motivo do fallecimento da rainha Victoria.

Com a comparencia de S. M. el rei D. Carlos e mais elementos officiaes, entre elles o illustre conde de Tattenbach addidos militar e naval e secretario da legação allemã em Lisboa, tiveram começo ás duas horas da tarde as manifestações de regosijo que o digno coronel de cavallaria 4 e officialidade do mesmo regimento com a maior solicitude e brilhantismo haviam preparado sendo unanime a opinião de que nunca se havia assistido a uma festa militar mais imponente e por todas as formas digna d'admiração.

Cumpriram-se á risca todos os numeros do festivo programma entre os quaes mencionaremos a descerração do retrato por S. M. El-rei D. Carlos, a apresentação do solddado, desde recruta, ideia verdadeiramente original e que demonstrou a todos os assistentes as differentes phases porque o soldado passa até ser dado por prompto e apto para o serviço, os exercicios gymnasticos por um cento de recrutas, e os seis cavallos apresentados em alta escola número que mereceu os mais rasgados elogios de todos os assistentes especialisando o magnifico trabalho do alferes sr. Caeiro.

Depois da visita feita ás dependencias do quartel passaram todos os convidados á magnifica sala d'armas profusamente ornamentada, onde foi servido um lauto *lunch*, levantando-se varios brindes correspondidos affectuosamente.

O VISCONDE DE MONSERRATE

Recebeu-se ultimamente em Lisboa a infausta noticia do fallecimento em Londres, no dia 17 de fevereiro ultimo, de *sir* Francis Cook, visconde de Monserrate.

Demasiado são conhecidos, os dotes philantropicos do illustre extincto para aqui nos occuparmos em os descrever indicando no entanto o numero 734 do OCCIDENTE em que o sr. dr. Alberto Telles desenvolvidamente trata d'esse assumpto.

Na edade de 84 annos finou-se um dos mais devotados amigos do nosso Portugal. Inglez pelo sangue e origem, adorava como patria adoptiva, a nossa, tendo mandado construir na pittoresca Cintra — em Monserrate — um sumptuoso palacio em estylo arabe, a mais preciosa edificação que em 30 kilometros de circumferencia existe nos arredores de Lisboa.

E' esse paraiso ornado de ricas tapeçarias, estatuaria modelo, possuindo uma das mais bellas galerias de quadros que existem no paiz, mansão de fadas, deante da qual o mais rude espirito se sente sensibilisado, n'um ponto opulento em côres na variedade de vegetação, verdadeiramente pinturesco que o visconde de Monserrate vinha repousar e readquirir forças para proseguir na administração e gerencia da sua casa de Londres Cook & Son's.

Tendo casado em 1841 em Lisboa com uma senhora portugueza D. Emilia Lucas, enviuvou em 1844, contrahindo segundas nupcias um anno depois em New-York com *lady* Cook, actual viscondessa de Monserrate, senhora dotada de extraordinaria intelligencia e illustração e a maior propagandista e inniciadora do movimento reivindicador dos direitos e emancipação da mulher.

Existem nos arredores de Cintra oito escolas d'ensino primario custeadas pelos Viscondes de Monserrate que por si só, bem manifestam o entranhado affecto que elle dispensava á nossa patria.

O nome de *sir* Francis Cook Visconde de Monserrate fica ligado a innumeros actos de caridade e philantropia, e jámais poderá ser esquecido, emquanto na serra de Cintra se levantar o sumptuoso palacio monumento perduravel da sua memoria por elle proprio erigido.

CARLOS POSSER

Curioso, este senhor Posser, a que o OCCIDENTE, na linda missão de aureolar os que se distinguem, dá hoje um logar d'honra em suas paginas!

Ora... são oito as bemaventuranças. Podiam ser mais, que a bondade de Deus é infinita. Mas são apenas oito. E bastam. Merecel-as, segundo rezam os canones, é cahir na graça do mesmo Senhor.

Todavia, o barro humano é fraco, as cousas são como são e não como deviam ser, e por isso — que nos perdôe o evangelho — estamos em dizer: malaventurados os que as merecem.

Com effeito, dada a maldade dos homens, ser pobre de espirito para obter o reino dos ceos, manso para haver a terra, misericordioso para alcançar misericordia (sem allusões ao pio estabelecimento de que o referido senhor Posser é empregado e que já alcançou sem ter essa virtude); limpo de coração para ver a Deus, chorar para ser consolado, ser pacifico para ter paes incognitos, etc., etc.; ser tudo isto, emfim, com franqueza, é ser tolo.

E tolos ha muitos! A sua existencia, lá o diz Ibsen e nós, que não somos Ibsen, o dizemos tambem, é uma verdade incontestavel; mas, com os demonios, isso não é razão para que nós os louvemos nem nos deixemos governar por elles.

Comtudo, são esses, afinal, bemaventurados, conforme a santa doutrina — os bemquistos do mundo, cujos actos se não discutem, de quem se não diz mal.

Ora o tal senhor Posser, felizmente para elle, pertence ao numero dos outros. Não cabe na esphera das bemaventuranças, por que não é *boa pessoa;* está longe da esphera dos tolos, porque há muito quem o discuta, porque todos o abocanham. — Curioso este senhor Posser que, principalmente nos ultimos tempos, é o assumpto obrigado da bisbilhotice, em todos os meios onde se espevitam cousas d'arte: cafés, camarins, *foyers;* o thema fatal de artigos, mais ou menos dynamitsados, nas secções theatraes do jornalismo; alvo inabalavel de chalaças, sempre caricaturado, e até mesmo degolado, nas condemnações facetas dos periodicos humoristas; arrastado aos tribunaes como reo de crimes nefandos; emfim, um homem terrivel, um homem detestavel e que, se houvesse justiça e amor d'arte n'este desgraçado paiz, já devia estar na Penitenciaria, na Costa d'Africa, no inferno, fosse onde fosse, menos no theatro de D. Maria e muito menos, ainda, na Misericordia mansão piedosa onde só deviam entrar os que tem jus á graça e á clemencia do Senhor.

Todavia, diz-se tanto mal do senhor Posser, accusam-n'o de tantos delictos, que seria quasi um prazer, uma honra, meio snobista, meio impertinente, defendêl-o, dizer bem d'elle. Mas quem se atreve a fazêl-o? Nanja o auctor d'estas linhas. Porque, a verdade é esta, o que se diz, diz-se com razão: Posser tem sido o flagello da arte nacional!

E' triste para nós que acceitámos o espinhoso encargo de emmoldurar o seu retrato na *baguette* do panigyrico, é triste, repetimos, ter de fugir aos moldes de *cliché*, fataes n'esta especie de homenagens, para obedecermos unicamente aos rebates da nossa consciencia. Mas acima de tudo estão os sagrados deveres da critica e da imprensa para com o publico: esclarecel-o e norteal-o com justiça e com verdade. De resto, no jornalismo, em toda a parte e entre nós, por exemplo, no *Seculo*, são triviaes estes contrastes desolados: o retrato d'um benemerito a par da *effigie* torpe d'um bandido. O bandido, no nosso caso, é o senhor Posser, está claro.

E, posto isto, exaremos sem commentarios a folha corrida do homem. Por ella, melhor do que atravez o nosso criterio pessoal, hão-de julgar as pessoas que nos lerem, numerosas, temos essa esperança, visto que se trata de dizer mal.

Nasceu Carlos Posses precisamente no Dia em que veio ao mundo. Era então, como todas as creanças, uma interessantissima creança loura. Cresceu e medrou, como a laranjeira, á carinhosa luz d'este lindo sol de Portugal. Té que, adolescente já, entrou de apaixonar-se pela arte, a que n'esses tempos se chamava a formosa arte do venerando Talma. E tão louca paixão, foi o seu primeiro crime. Conseguiu subtrahir-se aos olhos da poli-

cia, fez o curso do Conservatorio e, dentro em pouco, o nosso amigo Posser, instigado pelo exito da primeira audacia, pisava impunemente o palco do Taborda, antro que foi berço d'outros criminosos não menos celebres — alguns inda maiores — a quem mais tarde se deveu o melhor da nossa gloria theatral. Posser representou com successo o *Luiz Fernandes* da *Morgadinha*, a melhor peça de então. Tal preferencia e o triumpho alcançado, foram, talvez, o seu segundo crime. E a policia, é claro, sempre d'olhos fechados.

Mais tarde, na Rua dos Condes—o velho barracão—ao lado de Santos Pitorra, esse outro grande e glorioso facinora, creava com applauso unanime o *Conpeau* de *L'Assomoir*. Era demais! Entretanto, iam-se-lhe desenvolvendo extraordinarias tendencias para ensaiador e director de scena, como se não bastassem os repugnantes vicios de que já estava possuido. Foi por esses tempos que acceitou a direcção technica dos *Recreios*, montando com desusado brilho e propriedade scenica, numerosas peças de grande espectaculo que fizeram epoca no demolido theatro. D'ahi, foi chamado pela empreza Rosas & Brazão a exercer egual cargo na primeira scena portugueza. Sahiu, passadas algumas epocas, para nos reapparecer, tambem como admistrador, o incorrigivel, no theatro do Principe Real que, abandonado pelos seus melhores elementos, chegára á ultima degradação artistica. Posser, sempre com o mesmo devotado e criminoso amor pela sua arte, reabre o theatro, pondo em scena a *Tosca*. Era um arrojo inaudito! E já o assobio da galhofa e o tacão da verrina se lambiam de regosijo, quando, com grande espanto dos malevolos, o fiasco degenerou em successo, mas em successo dos mais legitimos. É que o mariola tivera o mau gosto de montar a peça com o maior luxo e rigor de scenario e guarda roupa; uma *mise-en-scène* aprimorada, e mais: conseguira que os artistas, na maioria detestaveis, a representassem correctamente, quasi distinctamente. Era imperdoavel!

Volvidas duas temporadas, eil-o de novo na Rua dos Condes — edificio novo — primeiro como director d'um grupo de bellos artistas desertores de varios theatros e depois ao lado da grande Lucinda, como primeira figura da sua companhia. Representa-se a *Sans Gêne* e Posser distingue-se pela famosa exteriorisação do *Bonaparte* na chocarreira satyra do velho *Sardou*.

Entretanto, dá-se a pavorosa no Normal e os dissidentes, Virginia, Mello e Ferreira, escolhem-n'o para gerir a sociedade artistica que, de parceria com Sousa Bastos e Palmyra, nos deu, á custa dos maiores sacrificios, escassamente compensados pelo exito d'um melo-drama, uma epoca de arte, de verdadeira arte, a competir com o melhor que até ahi nos tinham dado os nossos primeiros theatros. Mas o *grande e horrivel crime* ainda estava por gerar no cerebro do famigerado Posser.

Depois de Garrett e dos que trabalharam á sombra e no encalço do grande reformador, ninguem mais pensára: nem governo, nem artistas, nem dramaturgos, movidos, fosse por que interesse fosse, em trabalhar para a reorganisação do theatro portuguez, em reclamar uma lei que estabelecesse direitos, que obrigasse a deveres, que respeitasse a arte e a litteratura, que pozesse auctores e actores ao abrigo das imposições, nem sempre bem orientadas, de emprezas particulares, que determinasse um futuro, uma reforma aos artistas nacionaes, poupando-os a um fim miseravel e sujeito ás contingencias da esmola e do beneficio.

Pois foi ainda esse curioso Posser que, mercê da sua poderosa energia e da influencia grangeada á custa d'uma vida proba e sem mancha—porque o marôto, para cumulo de imperfeições, até se permitte o luxo de ser um homem de bem, prenda que em tempos modernos é como bordar a missanga—foi elle, emfim, que moveu os poderes publicos a descerem das altas preoccupações eleitoraes até as futilidades da arte; que conseguiu a actual organisação do D. Maria, elle só, porque, sem a sua grande coragem de luctador, de nada valeriam os esforços, aliaz indispensaveis, de toda a brilhante comparsaria que o secundou no *ensemble* d'essa famosa magica, bem mais difficil de montar... do que a *Pêra de Satanaz*.

E, se é certo que a reforma do nosso primeiro theatro contem disposições manifestamente facciosas e que tiveram a nefasta consequencia de, por interesses d'ordens diversas e chicanas de bastidores, affastar d'aquelle tablado alguns dos nossos mais queridos e brilhantes artistas; se é verdade que o decreto, em certos pontos, é deficiente, imperfeito e até mesmo prejudicial; o que é innegavel, tambem, é que, mesmo defeituoso, elle era indispensavel e é em todo o caso uma base para futuros aperfeiçoamentos e correcções, uma excellente garantia para todos os que vivem ou se interessam pelo theatro. E tudo isto se deve ao Posser! Decididamente regressámos á edade da pedra!

Mas ainda ha mais e melhor: Esse cavalheiro que ha tres annos é gerente do theatro official, contra a vontade de amigos e inimigos que, apesar de tudo o elegem sempre, esse cavalheiro, abandonado pelos auctores dramaticos na sua quasi totalidade, votado ao ostracismo pela massa geral do publico, tem conseguido — já é desfaçatez! — attrahir este, vencer aquelles e, por meio d'uma falsa e desaforada administração, conservar todo o prestigio artistico, litterario e mesmo industrial, que convém áquella casa de espectaculos.

E, brada aos ceos!—teve a pouca vergonha de, immolando-se ao papel de protogonista, fazer representar o Frei Luiz de Sousa, essa obra immortal de Garrett, de que todos nós ouviramos fallar desde pequenos, que talvez já tivessemos lido, mas que por dever sacratissimo e honra da arte e letteratura patrias, nunca devêra exilar-se do repertorio das primeiras companhias portuguezas!

E foi este o ultimo, o mais horripilante dos seus crimes.

Ora depois d'isto, caros leitores e dignissimos jurados, respondam-me se ha ou não ha razão para se dizer mal do sr. Posser... quero e mando, como lhe chamou um piadista celebre.

Luiz Galhardo.

QUESTÕES SOCIAES

(1.º DE MAIO E DESCANÇO AO DOMINGO)

Não posso negar a minha sympathia ao mundo operario nesta consagração do primeiro dia do mez de maio.

A terra e o trabalho são fontes lidimas de riqueza e de prosperidades das nações: aquelle, cuja vida se passa no amanho dos campos e no cultivo das leiras occupa indubitavelmente o logar de primazia na escala do trabalho material.

Logo em seguida surgem outros grupos de obreiros não menos dignos de cotação social pela natureza dos labores a que se dedicam, e não menos crédores de estima sincera no animo publico.

E quem produz pelo seu proprio esforço organico uma grandissima parte das coisas de que a humanidade carece por necessidade indispensavel do seu modo de ser pessoal, tem pleno direito de escolher um dia no anno para regosijo de folga e celebração de honra.

É assim que se me antolha esta festa do primeiro de maio.

Confesso que desejára ver nos cortejos que desfilam então, procissionalmente algum objecto symbolico que tornasse bem evidente existir clara na mente do mundo trabalhador a noção de Deus.

A despeito d'essa falta, a qual nem sempre traduz um estado de atheismo ou proposito de irreverencia para com a Divindade, é compativel com o meu espirito de crente o objectivo da manifestação.

Embora possa definir-se nas suas origens por tal ou qual tendencia emancipadora, eu nunca verei ali uma especie de revolta contra o principio da auctoridade, mas sim um triumpho solemnissimo do trabalho.

E se por algum sentido ella quer exprimir sentidos impulsos de libertação geral, ainda n'este campo não é mentir á consciencia achar justiça a quem não ignora certos expedientes incorrectos de que usam, para vergonha da raça, muitos insaciaveis na idolatria do capital e no repasto do egoismo.

Para esses é bem que o primeiro de maio seja um pesadelo tão temeroso que os seus descendentes, gerados sob a influencia de semelhante impressão, cheguem no curso dos tempos a fazer alliança perpetua com as classes trabalhadoras, cessando com as desproporções enormes e irritantes e convertendo-as á coopparticipação equitativa nos resultados.

Hoje, não é já possivel illudir por muito tempo as esperanças lisongeiras de interpretação rasoavel e as aspirações legitimas.

Ha escravos ainda nas injurias abusivas, mas que não desconhecem que o são, apromptando-se facilmente para denunciar e repellir as affrontas.

Se o mundo trabalhador não tivesse no seu mesmo seio elementos damninhos que lhe inutilisam planos e alvitres autonomos, e possuisse boas cabeças organisadoras, em vez de cortejos ellle teria fabricas, officinas, escolas, terras de semeadura, obtido tudo por união cooperativista, e em logar de gastar as forças physicas em serviço alheio operaria por conta propria.

Quando este ideal deveras nobre constituir uma realidade palpavel, será permanente o espectaculo de harmonia sensata que haja redundado em beneficio da multidão assalariada, e que seja escarmento e lição perenne da cobiça e da sordidez desalmadas.

Isto, porem, só póde conseguir-se mediante o auxilio poderoso da iniciativa individual e collectiva no seio das varias classes trabalhadoras, aggremiando-se com resolução persistente por ordem de categoria.

Devem egualmente ter sempre em vista formar em si mesmas os necessarios mentores e as convenientes energias de disciplinamento, que asseguram sobre a terra a duração das coisas.

Desde que individuos estranhos ao seu meio venham arengar discursos e semear conselhos, é muito facil servir interesses que em nada lhes toquem e contribuirem para glorias politicas de cabalas que só pretendem hostilisal-as.

Os amigos verdadeiros das classes trabalhadoras, pugnando pelo seu melhor futuro, só teem uma linguagem incitativa de ordem economica e de suggestão altruista.

Quando o Christo foi no mundo, como expressão sublime que era da dedicação mais pura e do mais universal amor, teve principalmente piedade dos humildes e dos desprotegidos da fortuna.

D'aqui vem com certeza esta bella passagem do sermão, prégado pelo bispo de Derby, em 14 de outubro de 1887, citada por Laveleye em um dos seus admiraveis livros: «Os sentimentos e as aspirações do socialismo são certamente christãos. Affligir-se da extrema desegualdade das condições; reconhecer o abysmo que separa Lazaro e Dives; declarar-se partidario da fraternidade e da egualdade essencial de todos os filhos d'um mesmo pae; sustentar, não o direito abstracto a um salario equitativo, a uma educação sufficiente, a uma boa morada, a um descanço necessario, mas a necessidade de fazer obter todos estes beneficios aos que querem gosar d'elles, se está aqui o espirito do socialismo, está tambem o espirito do christianismo.»

O christão rico sabe attrahir por sentimento os seus servos e os seus operarios, em cada um dos quaes vê um irmão que lhe cumpre catechizar por modelo honesto exemplificado em si mesmo.

A arrogancia systematica do descarinho e da prosapia jactanciosa nunca podem alliar-se na consciencia d'um catholico illustrado no acerto divinal dos principios, e convicto do fundamento inabalavel de sua fé.

O mundo trabalhador não sofre perigo nem deve assustar-se da palavra do Evangelho; está lá escripto: «e o que sega recebe galardão, e ajuncta fructo para a vida eterna: para que assim o que semeia como o que sega, juntamente se regozijem»... «o que fala de si mesmo, busca a propria gloria mas aquelle que busca a gloria de quem o enviou, esse é verdadeiro, e não ha n'elle injustiça»... «em verdade, em verdade vos digo que o que não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, esse é ladrão e roubador.»

Quem não comprehende semelhante dizer? em que escola é patente tanta verdade simplicissima e exposta lucidamente? que mais leal franqueza é possivel sobre a terra?

Nas paginas do Evangelho ha medicina luminosa e infallivel para todas as miserias.

Se a sua leitura proporciona aos poderosos momentos de conforto em horas de harto pezar, ella dá ensinamentos de dignidade e de invulneravel resistencia serena a todos aquelles que labutam com dura enxada e se sentem mais ou menos espoliados.

Importa que o clero, calcando vehementemente aos pés toda a casta de respeitos humanos, e seguindo á risca á marcha traçada pelo insigne Leão XIII em suas encyclicas surprehendentes, assuma perante o mundo o seu papel capital na missão augusta e apostolica de conciliador dos povos e de pacificador das sociedades.

O desabrigado presepio da Palestina viu cahir deante de si o fausto dos imperadores romanos: estenda o clero os braços ás multidões que passam na festa do primeiro de maio, insurja-se contra quem não acata o dever, insinue-se no conceito popular, e verá tambem cahir deante de si toda a hypocrisia immensa que sabe encobrir-se sob a mascara da ostentação apparatosa para occultar com segurança a podridão colossal e villissima em que exclusivamente navega.

«O christianismo, escreveu o illustre abbade Robert, foi dado á terra por ignorantes e pobres; logo, elle vem de Deus, auctor de toda a sciencia verdadeira e de todo o dom perfeito».

THEATRO DE D. MARIA II

CARLOS POSSER
De photographia do sr. E. Biel

Recorde o clero que «nem só de pão vive o homem»; fraternize com as classes necessitadas e aproveite o 1.º de Maio para messe larguissima de doutrina e para victoria muito sua.

É de justiça conceder a quem trabalha um repouso que interrompa a fadiga e permitta certa distracção do espirito.

Isto diz a observação quotidiana, e é corollario regular dos actos da vida nas proprias conclusões da sciencia.

Labuta incessante, debilita, atordoa e embrutece; folga judiciosa, longe de produzir atrophiamento prematuro, repara forças, corresponde a necessidades de temperamento, educa orgãos, converte-se n'uma fórma especial de hygiene physica e moral do individuo

Até aqui, por um lado; encarem-se as coisas agora por outro aspecto.

O homem é um ser essencialmente dependente, e como tal, quando se interroga no fôro intimo de sua consciencia, sente-se naturalmente levado a ir procurar fóra de si um refugio á dôr e uma causa suprema.

E então, quer haja em semelhante homem a intellectualidade penetrante d'um Aristoteles, quer seja audaz como Colombo, genial como Buonarroti, persistente como Pasteur, selvagem como um indio da America, adorará um Deus, será um crente.

D'aqui nasce o culto, flôr mystica brotando espontanea nos reconditos da alma, sublimidade arroubante de que são echo exterior todos os altares levantados em todos os seculos pela gratidão da creatura ao seu Creador.

E ainda, como consequencia logica d'este consenso unanime, derivou tambem para a historia o espectaculo suggestivo da consagração pelos povos de dias determinados a actos de religião.

Se eu não temesse enfadar os leitores, passaria em revista as sociedades orientaes e os tempos classicos anteriores a Christo, para segregar em meio de tantos e de tão diversos acontecimentos, o phenomeno deveras deslumbrante das ceremonias de culto em epocas fixas com maior ou menor rigor de symetria.

Mas, além da prolixidade, é egualmente certo que estou escrevendo onde não se ignora o caminhar das gerações, sabendo-se, ao contrario, apreciar no valor legitimo as suas singularidades typicas.

Ora pois, que assim é, resta-me encaminhar o meu ponto de mira na altura presente d'este capitulo a uma solução rasoavel.

Duas divisões complexas caracterisam sufficientemente a serie dos tempos e aquilatam com superabundancia as phases multiplas da existencia do homem; são duas metades d'um mesmo corpo homogeneo em que o segundávo mais nobre deveu a auxilio estranho o assumir toda a sua virilidade portentosa.

Primeira divisão ou seja primeira metade, acaba com a aurora do Christianismo: um domingo, substituindo o sabbado da lei antiga abre nova era, isto é, marca e serve de norte á segunda divisão ou seja segunda metade.

O auxilio estranho partiu de Jesus Christo.

Só sophismando a verdade historica, é possivel negar a transformação social operada pelo doutrinador da Judéa.

Foi d'elle o domingo, e triumphal tem sido a marcha da civilisação da Cruz.

Esta affirmação fará sem reluctancia quem quer que se dê ao estudo da Historia com animo feito de não deturpar coisa alguma.

A evidencia arrancava a Renan estas palavras famosas:

«Seja como fôr, Jesus não será excedido. O seu culto rejuvenescerá incessantemente;...»

Se aquelles mesmo que ousam abalançar-se á tentativa de destruir as provas indeleveis da Divindade, confessam isto, que admira que os que trabalham solicitem o descanço dominical e que os capitalistas e os ricos burguezes convenham acquiescendo ao desejo?

E, porém, bom e até preferivel a quaesquer diversões, não esquecer n'esse dia, uma vez geralmente destinado e cedido a repouso, que foi dos labios de Jesus que saiu este brado eloquente: «O espirito é o que vivifica: a carne para nada aproveita.»

Aproveitem todos em união plena o domingo para folga de trabalhos, mas não voltem as costas ao templo do Deus vivo.

«Ninguem se arruina, escreveu o illustre francez Augusto Callet, por ir á egreja; ha lá dentro pompas que a todos os respeitos valem as do mundo. O pobre ali está em sua casa; explica-se-lhe a lei do soffrimento e do trabalho, mysterio consolador

VISCONDE DE MONSERRATE
FALLECIDO EM LONDRES EM 17 DE FEVEREIRO DE 1901

para a fé, desolador para a philosophia. É lá que elle esquece os seus odios e comprehende a egualdade e a liberdade; mas egualdade na ordem, liberdade na justiça. Instrue, educa-se, respira; sae da egreja mais satisfeito, mais forte contra as tentações e as contrariedades; melhor cidadão, melhor pae, artista laborioso do seu destino immortal; economico, não avaro; caritativo, não prodigo.

Tal é o espirito da lei que nos obriga a sanctificar o domingo; se não fosse uma lei divina, seria a mais sabia das leis humanas».

Já hoje na nossa capital é quasi completo o encerramento das lojas aos domingos; faz-se mister todavia que a idéa se estenda sem excepção a todos os estabelecimentos, não susceptiveis por estarem fechados, de provocar motins ou de causarem damno á saude publica.

E mesmo no caso indicado não faltam meios praticos de conciliar tudo em perfeita harmonia.

A boa vontade é sempre uma alavanca irresistivel.

D. Francisco de Noronha.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1888-1889

Em 22 de fevereiro de 1889, em recita de assignatura ordinaria, em que se cantaram os 1.º, 2.º e 4.º actos da opera *Capuletti e Montecchi*, tocou o celebre pianista Arthur Napoleão Santos as seguintes peças: Concerto em *dó menor* de Rubinstein, com acompanhamento de orchestra; *Ma pensée*, melodia, *Ideale*, valsa, *romanza*, e *polonaise*, de Arthur Napoleão, *mazurka* de Chopin, e *trémolo* de Gottschalk.

Em 1 de março, em recita de assignatura ordinaria, com a opera *Lakmé*, tocou Arthur Napoleão: *Concerto* de Rubinstein, com orchestra, *Nocturno* de Chopin, *Grande estudo symphonico*, de Schumann, *Melodia* de Rubinstein, *Rapsodia* de Liszt, *Gavotta imperial* de Arthur Napoleão.

Em 5 de março, terça-feira gorda, houve baile de mascaras no theatro de S. Carlos. Segundo a moda n'este tempo, durante os dias de carnaval o publico fez um barulho infernal com gaitinhas, estalos, cornetinhas, assobios, etc., que nada deixavam ouvir da opera que se cantava. Na segunda e terça-feira gorda entre varios episodios comicos, um joven janota do tempo, Luiz Gama, saltou da plateia para a orchestra e para o palco; sobre a scena dançou durante o espectaculo com a segunda dama Lamberti, e na orchestra, tirou a batuta ao maestro Pontecchi, e tomando o logar d'este, dirigiu a orchestra que, prevenida de antemão, tocou um trecho da *Grã-Via*.

Em 18 de março de 1889, em beneficio da Associação 24 de Junho e do director do palco Guilherme Lima, houve o seguinte espectaculo: Symphonia da opera *Vespri Siciliani*, 2.º acto da opera *Lakmé*, *Skerzo* para a orchestra, de Freitas Gazul; aria da opera *Martha* por Valero; *Partida*, canção hespanhola de Alvarez, por Valero; fragmento do poema symphonico *As orientaes*, de Keil, pela orchestra; Romanza *Souvenir de Fafe* e *Rapsodia* de Liszt, por Arthur Napoleão; 4.º acto da opera *Capuletti e Montecchi*.

Em 1 de abril, em beneficio do hospital de

GALERIA DO PALACIO DE MONSERRATE

Nossa Senhora do Rego, deu-se a opera *Fausto*, cantando a parte de barytono D. Francisco de Sousa Coutinho, dotado de uma magnifica voz, que então iniciava a sua carreira lyrica. N'esta noite os preços foram elevados: geral a 1$200 réis, superior a 2$000 réis, e dobrado o custo de todos os camarotes.

Em 4 de abril, festa artistica de Eva Tetrazzini, opera *Otello*; a orchestra tocou um *preludio* composição do maestro Campanini, marido da cantora Tetrazzini.

Em 5 de abril, festa artistica de Regina Pacini; houve os 1.º e 2.º actos da opera *I pescatori di perle*, o rondó da opera *Lucia di Lammermoor*, e *divertissement*.

Em 6 de abril, festa artistica do tenor Brogi, deu-se a opera *Otello*.

Em 7 do mesmo mez, festa artistica do barytono Battistini, deu-se a mesma opera.

Em 8 do mesmo mez, em beneficio do director de scena Luigi Magnani, houve o seguinte espectaculo: aberturas das operas *Vespri Siciliani* e *Mignon* pela orchestra; o 3.º acto da opera *Il Profeta*; rondó da *Lucia* por Pacini, *Romanza* pelo tenor Valero, e *divertissement*.

Não faltaram n'esta epocha celebridades musicaes no palco do real theatro de S. Carlos.

Maria Van-Zandt era uma cantora, ainda nova, mas já celebre na chronica theatral; dotada de uma magnifica voz de soprano, extensa, sonora, agradavel e flexivel, era eximia na agilidade sobretudo nas *fioritures*, e ao mesmo tempo, era artista em scena, como mostrou nas operas *Mignon* e *Lakmé*; n'esta ultima, especialmente, era notabilissima; o seu canto era aqui perfeitissimo, e o seu bello corpo, torneado, roliço, e de uma flexibilidade sinuosa de serpente, prestava-se admiravelmente ao desempenho plastico do papel da indiana da opera de Delibes.

Dizia-se que a notavel cantora era muito dada ao licor de Baccho, e que d'isso dera publica manifestação uma vez cantando na opera comica de Paris; se effectivamente tinha esse uso, em Lisboa, n'esta epocha, não lhe trouxe isso prejuizo ás suas representações lyricas.

Eva Tetrazzini era uma notavel cantora, muito sympathica; a sua voz de um timbre agradavel, prestava-se aos pianissimos, ás phrases plangentes e sentimentaes, e ao canto apaixonado; artista intelligente, e cantora dramatica, apesar de não ser muito forte nem volumosa a sua voz, e de ter a respiração alta, e ás vezes como que custosa, tirava comtudo do seu orgão vocal, com o muito que sabia, um partido immenso, de situações as mais oppostas da ternura, do gracioso e da paixão e energia. O grande merecimento de Tetrazzini era comprovado no modo verdadeiramente superior como cantava e representava a *Ave Maria* do 4.º acto da opera *Otello*, o duetto do 2.º acto e o 4.º acto da *Gioconda*.

Eva Tetrazzini era casada com o maestro Cleofonte Campanini, habil ensaiador e distincto director de orchestra.

Mattia Battistini, afamado barytono, tinha uma voz extensa, facil, de um timbre muito agradavel, e que, sobretudo, no canto simples e natural era encantadora. Cantor agradavel e correcto, quando emittia a voz, a espontaneidade do seu orgão vocal produzia em quem o ouvia uma sensação doce e serena, não precisando de esforços custosos para produzir o bello canto.

Augusto Brogi, que no theatro de S. Carlos se apresentou como tenor, tinha começado a sua carreira como barytono, ao contrario do que tem succedido a tantos outros; o timbre da voz, apesar do cantor com mais ou menos esforço, attingir as notas agudas de tenor, não era propriamente d'este registro; mas como cantor tinha bastante merecimento, e pelo seu saber conseguia o que outros, dotados de melhor orgão vocal, não podem muitas vezes obter.

Depois da retirada de Maria Van-Zandt, foi esta substituida por Pacini, nas operas *Lakmé* e *Barbiere di Siviglia*; n'esta ultima cantava Pacini as *Variações* de Proch e a canção hespanhola *Lo que está de Dios*, de Barbieri.

Em novembro e dezembro de 1888 houve no salão do theatro de D. Maria II concertos classicos de musica de camara, pelos artistas Rey Collaço (piano), Victor Hussla (violino), Alfredo Gazul (violeta), e Cunha e Silva (violoncello).

Em março de 1889 cantou no theatro de S. João no Porto, na opera *Traviata*, o tenor portuguez Joaquim Tavares.

Em 14 e 15 de abril, no salão do theatro da Trindade, cantou-se (sem representar) a opera *Flavia* de Adolpho Sauvinet; foram os interpretes: Julietta Millié, Blanche Barbe, Alice del Bruno, tenor Villamar, barytono Verdini, barytono Godefroid, baixo Borucchia, baixo Soldá, e tenor Durini; orchestra e córos do theatro de S. Carlos; banda da guarda municipal; maestro Augusto Machado. Esta composição apresentava alguns motivos bonitos posto que triviaes; a instrumentação era pobre e banal.

Em 1 de maio de 1889 houve na sala de espectaculos do theatro de S. Carlos, um banquete de 150 talheres dado pela Associação dos advogados aos membros do congresso juridico, presidindo Francisco Antonio da Veiga Beirão, advogado, e, então, ministro da justiça. Tocou no palco a banda da guarda municipal. A sala estava ornada com muitas flôres e colxas, e muita gente nos camarotes.

Com a estação de 1888-1889, finalisou o quinto e ultimo anno da empreza Valdez. Em 29 de janeiro de 1889, o governo poz o theatro a concurso por cinco annos. O praso do concurso era só de 20 dias. O programma era estulto; entre muitas condições absurdas e extraordinarias citaremos: dar o subsidio de 25:000$000 réis annuaes e consentir augmento de preços em recitas extraordinarias e ordinarias; ao mesmo tempo que parecia exigir espectaculos grandiosos reduzia o corpo de baile a 16 bailarinas, numero que nem chegava para o bailado das horas da opera *Gioconda*. Só appareceu um concorrente, o anterior emprezario Antonio de Campos Valdez; a este foi pois adjudicado o theatro.

Estava porem destinado que mais não administraria Campos Valdez o real theatro de S. Carlos; com effeito tendo saido de Lisboa em 3 de maio de 1889, com o fim de escripturar alguns artistas para a futura epocha theatral, falleceu repentinamente, de um ataque apopletico, em 7 do mesmo mez, em Paris, no Grande Hotel. Não tinha Antonio de Campos Valdez completado ainda 52 annos, pois havia nascido em Alcacer do Sal em 5 de agosto de 1837. Foi muito lamentada a morte de Campos Valdez; este tinha muitos amigos, o que merecia bem, pelas qualidades apreciaveis que possuia.

N'este segundo periodo da sua gerencia theatral, especialmente nos ultimos annos, Campos Valdez, não correspondeu ao que se esperava d'aquelle que, na série de estações theatraes, de tantos annos, que findára em 1873, tão brilhantemente tinha mantido o theatro de S. Carlos a uma altura, digna da arte lyrica. Houve, sim, alguns espectaculos brilhantes, e a scena do primeiro theatro de Lisboa foi illustrada por muitas celebridades artisticas, e Campos Valdez auxiliou efficazmente alguns maestros portuguezes, pondo em scena as suas operas; mas a direcção e composição dos espectaculos deixou muito a desejar.

Começou logo mal pelo programma do concurso, que foi elaborado pelo proprio concorrente a emprezario; e foi má a direcção do theatro; o conjuncto dos espectaculos lyricos foi sempre decahindo, em pontos essenciaes, com raras excepções, na execução musical das massas; se com umas recitas se dava operas bem executadas e bem ensaiadas, n'outras a execução descia abaixo do que se vê em muitos theatros de 2.ª ordem; até nem parecia que era a mesma orchestra e os mesmos córos; o scenario, as decorações, o vestuario, os adresses, os bailados, tudo caminhou a passos gigantescos para proxima ruina. O palco continuou cerceado, recuado do fóco acustico. As obras que se fizeram nada melhoraram debaixo do ponto de vista artistico a scena de S. Carlos.

A attitude de Campos Valdez como emprezario nos ultimos tempos é mesmo inexplicavel; podia ter feito serviços extraordinarios á arte lyrica; nunca o governo lhe negou recursos; ainda teve n'este periodo da sua gerencia ministros como Fontes e Navarro. Alem do subsidio teve, gratuitamente, a illuminação da luz electrica para todos os serviços, e effeitos na scena; alem d'isso por vezes recebeu extraordinarias subvenções do governo, com pretextos de festas reaes e outros. Quando falleceu, a administração do theatro estava intrincada e embaraçada como a da sua propria casa; era uma dupla e complicada herança que deixava á sua viuva e a seus numerosos filhos.

(Continua) *Francisco da Fonseca Benevides.*

A MULA DO PAPA

POR

Alphonse Daudet

Dos mais lindos rifões, proverbios ou adagios com que bordam suas falas os nossos camponezes da Provença, nenhum sei tão pitoresco e singular como este. Quinze leguas em volta do meu moinho, é falar-se d'um homem rancoroso, vingativo, e logo:—«Cuidado com elle!... Aquillo é como a mula do papa, que sete annos teve de reserva o coice».

Levei tempo a saber a origem do proverbio, o que era isso de mula do papa e coice sete annos de reserva. Ninguem tal m'o soube contar, nem sequer o Francet Mamai, o meu tocador de pifano que no entanto sabe toda a lenda provençal na ponta da lingua. O Francet era da minha opinião, que devia por ali andar qualquer chronica antiga de Avinhão, mas só a conhecia pelo proverbio... «Só se o achar na bibliotheca das Cigarras», disse-me um dia o velho pifano a rir. Não desgostei da ideia e como a bibliotheca das Cigarras me fica mesmo ao pé da porta, fechei-me n'ella uns oito dias.

E' uma bibliotheca maravilhosa, admiravelmente organisada, ás ordens dos poetas noite dia, e servida por um bibliothecariosinho com cymbalos, que nos dão musicas sempre. Ahi levei dias deliciosos e, passada uma semana em buscas, estirado de costas, consegui descobrir o que queria, isto e, toda a historia da mula e do tal coice que sete annos andou de reserva. O conto é bonito sem deixar de ser ingenuo, e vou tentar dizel-o tal qual hontem de manhã o li n'um manuscripto côr do tempo, que cheirava bem a rosmaninho secco, e tinha como sinete grandes fios de teia de aranha.

* * *

Quem não viu Avinhão no tempo dos Papas, nada viu. Nunca houve cidade assim para o que fosse alegria, vida, animação, festa a seguir. De manhã até á noite eram procissões, perigrinações, ruas juncadas de flores, arenas atapetadas, chegadas de cardeaes pelo Rhodano, bandeiras desfraldadas, galeras embandeiradas, soldados do Papa pelas praças a cantarem latim, matracas de frades pedintes; depois de alto até abaixo das casas que se amontoavam em volta do grande palacio papal, como abelhas em volta da colmeia, era o tic-taque dos teares de rendas, o vai-vem das lançadeiras tecendo o oiro das casulas, os martelinhos dos cinzeladores de galhetas, as mesas de harmonia que os violeiros afinavam, os canticos das tecelãs;—e ainda por cima o barulho dos sinos e sempre algum tamboril rufando para acolá, do lado da ponte. Porque, quando o povo anda contente por cá, ha de dançar por força, lá isso por força; e como, n'esse tempo, as ruas da cidade eram estreitas demais para a farandula, pifanos e tamboris iam para a ponte, e, ao vento fresco do Rhodano, noite e dia, era dançar e mais dançar. Isso é que eram tempos! E que feliz cidade! Alabardas que não cortavam, prisões do estado em que se punha o vinho á fresca! Nem fome, nem guerra, nunca!... Ora aqui teem como os Papas do Condado sabiam governar seu povo; e aqui teem porque o povo tanta pena teve d'elles.

Um sobretudo um bom velhinho chamado Bonifacio... Quando morreu, ai, quantas lagrimas se choraram em Avinhão! Era um principe tão amavel, tão attencioso! Ria-se com tanto gosto lá do alto da sua mula e, quando alguem passava ao lado d'elle—fosse um simples ceifeiro da ruiva dos tintureios ou fosse o preboste-mór da terra—dava-lhe logo com toda a amabilidade a benção. Um verdadeiro papa d'Yvetot, mas d'um Yvetot de Provença, com o que quer que fosse de fino no riso, um braminho de manjerona na solidéo e nem a menor Jeanneton.. Só uma Jeanneton se lhe conheceu ao bom padre, e foi a vinha—uma vinhasita por elle proprio plantada, a tres leguas de Avinhão, entre os montes de Châteauneuf.

Todos os domingos, depois de vesperas, o santo homem ia fazer-lhe sua côrte, e, quando lá no alto, sentado ao sol, com a mula ali ao lado e os cardeaes em volta, estendidos ao pé das cepas, mandava abrir um frasco de vinho da terra—um vinho côr de rubis, desde então chamado Château Neuf dos Papas—e chuchurreava-o olhando para o copo com um olhinho enternecido. Esvasiado o frasco, ao cahir da tarde, voltava alegremente para a cidade, seguido de todo o capitulo; e, quando passava pela ponte de Avinhão, entre os tambores e as farandulas, a mula que a musica punha de bom humor, mettia n'um travadinho saltitante, emquanto elle proprio batia o passo de dança com o solidéo, o que muito escandalisava os cardeaes, mas fazia dizer ao povo: — «Que bom principe! Que excellente papa!»

* * *

Depois de vinho de Chateau Neuf o de que mais o Papa gostava no mundo, era da mula. O homem andava mesmo doido pelo animalzinho. Todas as noites, antes de ir para a cama, ia ver

se a cavallariça estava bem fechada, se lhe não faltava nada na mangedoira, e não era capaz de se levantar da mesa sem que, ali á vista d'elle, preparassem a grande tigela de vinho á franceza com muito assucar e plantas aromaticas, que elle proprio lhe levava, apesar das observações dos cardeaes... Deve dizer-se que o animal merecia o. Era uma linda mulinha preta, salpicada de vermelho, de pé seguro, pêllo luzente, garupa larga e cheia, cabecinha bem levantada, toda enfeitada com penachos, laços, esquilas de prata e borlas; e, ainda por cima, mansinha como um anjo, d'olhar ingenuo e com duas orelhas muito compridas, sempre a mexerem, o que lhe dava um ar de muito boa pessoa... Todo Avinhão lhe tinha respeito e, quando ella passava pela rua, cada qual lhe fazia sua amabilidade. E' que bem sabiam que não havia melhor meio de ser bem visto na côrte e que, apesar do seu arzinho innocente, muitos a mula levára para a fortuna, haja vista o Tistet Védène e a sua prodigiosa aventura.

Este tal Tistet Védène começou por ser um desvergonhadissimo garoto, que o pae, Guy Védène, esculptor d'oiro, teve que pôr fóra de casa, porque o rapaz, além de ser um mandrião, estragava os aprendizes. Durante seis mezes arrastou-se por todas as valetas, mas principalmente para os lados da casa papal. E' que lá tinha, havia muito, suas idéas sobre a mula do papa, e já vão ver se elle era esperto ou não. Um dia, andava Sua Santidade passeando sósinho junto ás muralhas com o animal, quando o Tistet se chega e diz juntando as mãos em modo de admiração: «Ih! Jesus!... grande Padre Santo, que linda mula que tem!... Deixe-me vel-a... Ah! meu papa, que linda mula! .. E' que nem o Imperador da Allemanha tem uma mula assim!» E fazia-lhe festas e dizia-lhe coisas doces, como a uma menina: «Venha cá, minha joia, meu thesoiro, minha perola fina...» E o santo papa, todo commovido, dizia com os seus botões: «Que bom rapazinho!... Tão delicadinho com a minha mula!» E sabem o que aconteceu no dia seguinte? O Tistet Védène trocou a velha jaqueta amarella por uma linda alva cheia de rendas, um capuz de seda roxa, sapatos com fivela e entrou para a capella do papa, onde até então só eram recebidos os filhos dos nobres e os sobrinhos dos cardeaes... Ora vejam o que são intrujices!... Mas Tistet não se ficou por aqui.

Uma vez ao serviço do papa, continuou a fazer o mesmo jogo, com que já tão bem se déra. Com todos insolente, só para a mula tinha attenções e delicadezas; pelos pateos do paço era certo encontral-o com uma mão-cheia de cevada ou um feixe de sanfeno, cujos cachos roxos sacudia graciosamente olhando para a janella do Padre Santo, como quem diz: — «Hein?... para quem é isto?» Tanto fez que porfim o Papa, que se ia sentindo velho, chegou a descarregar n'elle o cuidado de velar pela cavallariça e de levar á mula a tigela de vinho á franceza; o que não dava aos cardeaes nenhuma vontade de rir.

LICÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

V

Para destruir o velo de um cliché, é costume empregar-se o reductor de Farmer (mistura de partes eguaes, de uma solução de hypposulphito de soda a $^1/_{100}$, e de ferro-cyaneto de potassio a $^1/_{100}$). Este reagente tem o inconveniente de actuar sobre toda a superficie da chapa com força demasiada, e só deve ser utilisado quando o velo da chapa fôr geral. E' preferivel, em qualquer outro caso o preparado que citamos, por meio, dos saes de *cerio*.

Para um cliché com demasiado tempo de pose, é necessario tomar partes eguaes da solução concentrada de peroxydo de cerio e agua. Mergulha-se o cliché no banho, vigiando-o a cada momento. Desde que se obteve o resultado desejado, este é lavado na tina, como em qualquer outro caso, e seguem-se as outras operações conhecidas.

Para os clichés com demorado tempo de pose e muito carregados, humedece-se, primeiro, a gelatina, antes de mergulhar a chapa na solução, que então deverá ser de 10 % em relação a agua.

Este novo producto permittirá aos photographos amadores fazer com que aproveitem alguns clichés já postos de parte, como rejeitados.

Como se vê, o processo é bem simples, e o resultado tem sido magnifico.

VI

A maior parte das collas de que os amadores photographicos se servem para collar as suas provas sobre os cartões são más, tendo muitas d'ellas, o inconveniente de formar prégas, tornando isto defeituosa a prova. Para evitar vamos indicar uma formula de composição de uma nova colla.

Tomemos 15 grammas de gelatina não refinada, da mais ordinaria, e deitemol-a na agua até inchar, durante 24 horas. Findo este tempo, deitemos fóra o liquido resultante, conservando só a quantidade necessaria para encher um copo de licôr, e façamos fundir o seu contheudo a fogo brando. Juntemos-lhe 185 grammas de alcool, rolhando a mistura n'um frasco.

Para uzo d'este producto, aqueça-se a banho maria, a vasilha que contém a colla, e d'esta fórma, a porção que poderia ter ficado agarrado ao frasco, desprender-se-ha.

Tem este producto a vantagem de não alterar as provas, nem as fazer mover, creando espaços vazios, quando já colladas estas, n'um cartão delgado.

30-1-901. *Antonio A. O. Machado.*

NECROLOGIA

GENERAL ANTONIO D'ALMEIDA COELHO E CAMPOS

Mais um nome illustre do nosso paiz acaba de passar á relação d'aquelles que o seculo XIX nos legou e que o seculo XX ceifa, na verocidade insaciavel com que começou e que parece não ter fim.

Desde o principio do seculo que na nossa ardua missão de necrologista temos apontado e registrado nas columnas do OCCIDENTE, uma boa dezena de nomes que pelo seu talento, qualidades, ou actos, foram e serão posteriormente apontados á consideração e respeito da nação portugueza.

O general da 1.ª divisão Antonio d'Almeida Coelho e Campos de que hoje nos occupamos, falleceu na edade de 69 annos, no dia 13 de fevereiro ultimo, no edificio do quartel general do largo de S. Domingos.

Tendo sentado praça na arma de cavallaria em 1850 aos 18 annos de edade, foi promovido a alferes em 1854.

Seguindo postos foi nomeado general de divisão em 1898.

Foi tambem nomeado para varias commissões de importancia d'entre as quaes citaremos a de promotor dos conselhos de guerra da 2.ª divisão.

Foi tambem commandante dos regimentos de lanceiros 2, da arma de cavallaria, da 3.ª e 1.ª divisões militares, tendo sido tambem 2.º commandante d'esta ultima. Era ajudante de campo de S. M. El-rei e tinha entre outras condecorações as gran-cruzes d'Aviz e do merito militar d'Hespanha.

Official distincto dotado de grande intelligencia e de rara erudição era ao mesmo tempo disciplinador e bondoso, sendo dos officiaes que no nosso meio militar gosava de mais sympathias, onde a sua morte podemos affoutamente affirmar, causou profunda dôr e consternação.

Recebemos e agradecemos:

A arte musical — *Revista publicada quinzenalmente—Director Michel'angelo Lambertini—Editor Ernesto Vieira.*

Com o seu numero 49 entrou no terceiro anno de publicação esta elegantissima revista, selectamente collaborada e magnificamente impressa em bom papel, e artisticamente illustrada, feliz conjuncto este que torna tal publicação, digna do maior apreço tanto dentro da sua especialidade como fóra d'ella.

Com os numeros da revista distribue o editor o *Diccionario biographico de Musicos Portuguezes*, obra valiosa que alcança já a frei Domingos do Rosario, o auctor do *Theatro Ecclesiastico*, que foi cantor-mór de Mafra durante 41 annos.

No numero 51 da *Arte Musical*, respectivo a 15 de fevereiro ultimo, vem publicada a seguinte noticia, que muito penhorados transcrevemos, agradecendo vivamente as amaveis referencias que o articulista se dignou dispensar ao nosso illustre collaborador sr. conselheiro Francisco da Fonseca Benevides e ao OCCIDENTE:

«Em alguns numeros do «Occidente» com que a redacção d'esta interessantissima revista nos tem brindado, vêmos uma serie de artigos do sr. conselheiro Francisco Benevides em appendice á sua preciosa monographia sobre o Theatro de S. Carlos e que devem ser objecto d'um segundo volume, logo que no «Occidente» esteja terminada a sua publicação.

«Conhecendo-se a meticulosidade e consciencia com que no primeiro volume foram tratados todos os assumptos que se referem ao nosso theatro lyrico, é caso para nos felicitarmos por vêr enriquecida a historia artistica do nosso paiz com uma obra de incontestavel importancia, em que uma grande parte do nosso movimento musical é minuciosa e auctorisadamente descripto.»

«A Rosa Engeitada»—*Numero unico—Epocha de 1901—Theatro do Principe Real.*

A estreia de D. João da Camara no drama popular não podia deixar de corresponder ao quanto a este respeito logo se imaginou, attentas as suas brilhantes faculdades de dramaturgo, de poeta inspirado e de prosador delicadissimo. O seu novo drama *A Rosa Engeitada* alcançou o legitimo successo que todos sabemos, e continua colhendo fartos applausos de todo o publico.

A empreza do theatro do Principe Real publicou este numero unico, por occasião da 15.ª representação e inseriu n'elle os retratos do auctor e dos interpretes do novo drama.

O desempenho do papel mais importante da peça foi confiado á actriz Adelina Ruas, que o representa de uma fórma brilhante e correcta, de maneira a merecer as ovações que lhe tem feito o publico.

Boletins diversos:

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa—Imprensa Nacional 1900—Entre os numeros ultimamente publicados d'este antigo boletim da prestimosa sociedade, inserindo diversos trabalhos historicos e geographicos de subido valor, acaba de apparecer aquelle que traz a lista dos socios, acompanhada de muitos dados biographicos, interessantes.

Boletim da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes (fundada em 1863) — Terceira série—N.º 12—Continua apresentando se muito curiosa esta publicação, sobrelevando as *Noticias archeologicas*, trabalho cheio de preciosas indicações bibliographicas. O artigo referente a Lisboa é um verdadeiro monumento pela enorme copia de fontes que se indicam ao leitor estudioso sobre cada objecto.

Boletim da Real Sociedade de horticultura de Portugal—Imprensa Nacional—1900—Esta revista mensal, é destinada a registar o movimento da real sociedade e a fomentar o desenvolvimento da horticultura, floricultura e fructicultura portuguezas, sendo distinctamente collaborado pelos respectivos socios, e entre os quaes se encontram conhecidos escriptores agricolas, horticultores, agronomos, medicos veterinarios, agricultores, jardineiros, etc.

Boletim parlamentar do districto de Bragança — mensal — Redactor — Trindade Coelho — Lisboa, 1 vol.

O objecto d'este gracioso boletim cujo primeiro numero se publicou em 17 de fevereiro ultimo, é o de dar conta do que no parlamento se passar, que diga respeito ao districto de Bragança, d'onde é natural o illustrado redactor. A publicação do boletim deverá durar tantos mezes quantos os que durar a actual legislatura.

O modo de vida natural — *I — O caminho para a saude e salvação social — por Eduardo Baltzer —Porto — 1901.*

Traduzida do allemão publicou-se a quarta edição da revista d'este tratado vegetariano, systema que sempre teve os seus adeptos em todo o mundo, como o prova o numero dos livros publicados sobre o assumpto, tanto antigos como ultimamente, a maior parte dos quaes teem sido editados por Hartung & Sohn, de Leipzig, abundando as obras de Baltzer, o auctor do presente tratado.

Julio de Andrade — *Numero unico de homenagem ao cidadão intelligente e prestimoso — publicado pelo director do «Zoophilo» — Lisboa — Janeiro de 1901.*

O titulo d'este numero unico diz o sufficiente para que o leitor conheça o seu intuito. Constituiu elle uma justissima homenagem ao benemerito capitalista portuguez que tanto se tem dedicado á sublime tarefa de ser util aos seus concidadãos.

Expontanea quão sincera esta homenagem, honra

O REAL THEATRO DE S. CARLOS

EVA TETRAZZINI

egualmente o sr. Julio d'Andrade, a quem é dedicada, e o iniciador d'ella, o nosso presado amigo sr. Silva Leal, director do *Zoophilo*, antiga revista da Sociedade Protectora dos Animaes em Portugal.

N'um dos seus numeros passados, referindo-se áquellas prestimosas sociedades, exarou o OCCIDENTE o seu protesto da muita consideração que lhe merecem os dotes de benemerencia que illustram tão distincto cavalheiro, e registando agora n'este logar o apparecimento do *Numero Unico* alludido associa-se gratamente á homenagem por elle prestada.

Revistas estrangeiras

Como de costume temos sido visitados pelas seguintes:

Iride — revista d'arte — Spezia, que se publica n'esta cidade sob a direcção do dr G. Conrado, e que ha pouco encetou o seu quinto anno de publicação, tendo mudado de formato, que ora é mais elegante e manuseavel;

Revista politica e litteraria — Roma, que tambem entrou no seu quinto anno de publicação e continua sendo a importante revista que se annunciou;

Revista critica de Historia y litteratura españolas, portugueza é hispano-americanas — publicada sob a direcção de D. Raphael Altamira y D. Antonio Elias de Molins. Encetou o seu quarto anno.

Revue franco-italienne et du monde latin, redigida em Paris e Napoles.

Le Monde Moderne, revista franceza que tendo deixado de visitar-nos ha muito tempo, se lembrou do nosso periodico para a propaganda da sua edição *L'exposition du siècle*, especie de *livro d'ouro* do ultimo certamen internacional realisado em Paris;

Sevilla Deportiva — revista semanal illustrada, que começou a publicar-se no principio d'este anno. É periodico illustrado e gracioso, que merece acceitação.

Relatorio e contas *do asylo dos orphãos desvalidos da freguezia de Santa Catharina, — Lisboa —* 1900.

Este relatorio foi lido na sessão solemne do 42.° anniversario da inauguração do mesmo asylo no 1.° de janeiro de 1900. E' documento tão interessante quanto o pode ser um trabalho da sua natureza, e apresenta lucidez, a condição essencial, para o lêrem, subscriptores e protectores de tão sympathico instituto ou simples curioso.

Apparece n'este relatorio um esboço da historia do asylo que foi destinado a albergar as creanças pobres da freguezia de Santa Catharina, cujos paes foram victimados pelas epidemias que assolaram Lisboa, o cholera em 1856, a febre amarella em 1857.

O asylo de Santa Catharina nasceu como muitos outros estabelecimentos d'este genero, de um pensamento meditado por muito tempo e levado depois á execução com a observancia fiel do glorioso plano que, lhe deu origem e que tão beneficos serviços tem prestado á orphandade.

Joaquim Manuel Martins, homem possuido das melhores intenções caridosas e levado unicamente pelos impulsos do seu coração piedoso, foi elle quem, com a força da sua poderosa vontade e coadjuvado por alguns dos seus amigos e collegas da commissão de soccorros da freguezia de Santa Catharina, que funccionava por occasião da epidemia da febre amarella em 1857, pôde levar a effeito tão util como caridosa instituição, cujo desenvolvimento consta dos relatorios annuaes, que, sempre teem sido publicados.

GENERAL ANTONIO CAMPOS

FALLECIDO EM 13 DE FEVEREIRO DE 1901

Assistencia Nacional aos Tuberculosos—*Relatorio do conselho central e parecer do conselho fiscal —Imprensa Nacional*—1900.

Estes relatorios foram apresentados á assembléa geral da Assistencia realisada em 30 de dezembro ultimo, e por elles se conhece claramente os intuitos da benemerita instituição com que sua magestade a Rainha dotou o nosso paiz, pois que á regia iniciativa juntou-se grande numero de socios espontaneamente já inscriptos, permittindo a realisação de tão caritativa obra, decerto a mais formosa joia que se lhe engasta no seu diadema de soberana.

Os relatorios são concisos e lucidos, bastante documentados e precedidos dos estatutos da Assistencia. As contas da gerencia abrangem desde a fundação da sociedade até 30 de junho de 1900, pelo que se pode já avaliar um tanto dos encargos e das receitas com que conta a instituição. Todavia ainda esses meios não são demais e seria justo e louvavel que quantos dos estatutos da Assistencia tiverem conhecimento, e dos seus fins e intuitos, procurem auxiliar a realisação d'elles, alistando-se como socios.

Diversas revistas portuguezas. — Entre outras publicações d'este genero sahidas dos prélos nacionaes, e de cujo apparecimento démos noticia opportunamente, teem-nos continuado a honrar com a sua visita as seguintes revistas portuguezas:

O Instituto — Revista scientifica e litteraria — Coimbra — 1900 Completou mais um volume esta selecta revista, orgão da conceituada aggremiação scientifica e litteraria conimbricense *O Instituto*, e que, fundada em 1852, conta já hoje quarenta e sete volumes, nos quaes se encontram publicados muitissimos trabalhos de alto valor.

O Lavrador — Revista agricola mensal publicada pela associação dos regentes agricolas — Anno I — Lisboa — 1900. Esta nova publicação tem por director o sr. C. de Lima Alves, distincto regente agricola e agronomo, e são seus redactores e collaboradores alguns dos nossos mais illustrados regentes agricolas, lavradores, agronomos, silvicultores, veterinarios, monitores pecuarios, etc., o que é sufficiente garantia da proficiencia com que os diversos e importantissimos assumptos agricolas do nosso paiz serão tratados pelo *O Lavrador*.